



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ENTRE TELAS: ESTESIANDO A PEDAGOGIA EAD

Michelle Dantas Ferreira – UNIRIO/SME-RJ

Edilane Oliveira da Silva – UNIRIO/SME-RJ

Vitória Bemvenuto da Silva Bonifacio – UNIRIO/UFRJ

Bárbara Prudente de Almeida Rodrigues – UNIRIO/SME-RJ

Adrienne Ogêda Guedes – UNIRIO

RESUMO

São inúmeros os desafios enfrentados por estudantes e docentes na realização de uma formação que traga conhecimentos teóricos, mas também dialogue com a prática, de modo a orientar, ainda que minimamente, estas/estes profissionais da docência para a complexidade do cotidiano das instituições educacionais. E, se em uma formação presencial, com a possibilidade do contato visual, da escuta atenta, da atenção compartilhada, este é um processo difícil; imagina quando é realizado na modalidade à distância, separado – ou unido – por telas?! Este é o desafio que assumimos ao ministrarmos um componente curricular na graduação em Pedagogia, ofertada em parceria entre uma universidade pública do Rio de Janeiro e o consórcio Cederj. Uma disciplina que tem como objetivo relacionar arte e educação na contemporaneidade. Apostamos em caminhos que dialogam com a educação estética, na ebulição de um fazer com arte, que estesie e encante não só as práticas educacionais, mas também as/os profissionais, que extasiados, estesiam; encantados, encantam; tecendo redes que fortalecem nossa humanidade. Diante disso, temos, não só nos debruçado em escolher cuidadosa e diversificadamente os referenciais teóricos disponibilizados, como temos estruturado avaliações – presenciais e à distância – que abarcam as narrativas de vida destas/destes estudantes, colocando seus sentidos e emoções em cena, como pilares importantes no/do processo de construção de conhecimento. Temos experienciado uma formação encarnada, que visa reconhecer as identidades e os percursos trilhados pelas/pelos discentes até aqui, compreendendo que essas/esses sujeitas/os são um corpo e não apenas dados em uma plataforma.

Palavras-chave: Educação Estética, Arte, Pedagogia EAD.

INTRODUÇÃO

De que forma estesiar pelas telas? Como mobilizar sentidos, sentindo à distância? Como contaminar com/pela arte uma educação que se faz na modalidade EAD? Estes têm sido os desafios enfrentados na coordenação e planejamento de um Componente Curricular, ofertado como Eletiva do curso de Pedagogia, do Consórcio CEDERJ em parceria com uma instituição pública universitária federal do Rio de Janeiro.

Somos professoras da rede pública do Rio de Janeiro. Três na esfera municipal, atuando em instituições voltadas à Educação Infantil e duas na esfera federal, voltada à Educação Universitária – Graduação e Pós-Graduação. A relação entre Arte, Educação Estética e Formação Docente tem habitado as pesquisas do grupo que criamos e do qual fazemos parte

desde 2014, vinculado à instituição de educação universitária anteriormente citada. Duas de nós, atuam também na Educação à Distância, por meio do Consórcio Cederj.

Dessa forma, tem sido desafiador possibilitar uma educação à distância que estesie, que provoque experiências, que mobilize as emoções e sentimentos, que convoque um saber [pelo] sentido. Diante disto, nosso objetivo tem sido propiciar um conhecimento que vai sendo tecido pelas vias do afeto, do (re)encontro com a arte e na (re)conexão com as histórias de vida, por meio das narrativas, presentes nos referenciais bibliográficos que compõem o material de estudo ofertado e nas proposições das avaliações – presenciais e à distância –, uma vez que, buscamos uma formação docente que compreenda e reforce a fundamentalidade da relação entre educação e arte, entendendo que a arte pode contribuir sobremaneira para uma prática educacional (Eisner, 2008) libertadora (Freire, 2020), que desperta a consciência crítica (hooks, 2017; 2020), fortalece vínculos e encanta (Simas; Rufino, 2019; 2020; Rufino, 2021). Uma educação (do) sensível (Duarte Jr., 2000); estética (Perissé, 2014).

Ao longo do semestre temos provocado as/os estudantes a refletirem sobre a relação entre educação e arte, tendo suas memórias e vivências cotidianas como disparadores e catalisadores. O referencial vai costurando conhecimentos que fortalecem a prática educacional e convidam à experimentação de uma educação que se faz pelas frestas, objetivando romper com a hierarquização dos saberes, pois compreende as/os sujeitas/os em sua integralidade e pluralidade. Nas avaliações, divididas em presenciais e à distância, as/os estudantes têm sido convidadas/dos a entrarem em contato com seu potencial criador, por meio de proposições que tenham as múltiplas linguagens artísticas como sensibilizadores. Assim, temos diminuído a distância entre nós e nossa conosco mesmo, desenhando, poetizando, pintando, fazendo colagens, experimentando uma educação que nos (re)conecta, (re)aproxima, (trans)forma não só nosso jeito de educar, como de habitar e (com)partilhar o mundo.

METODOLOGIA

As metodologias de pesquisa que fundamentam nossas proposições são a Pesquisa-Formação (Longarezi; Silva, 2014), uma vez que a teoria embasa a prática, que por sua vez, alimenta a teoria, em um ciclo que se retroalimenta continuamente. E a Metodologia Errante (Ostetto, 2019), que tem na escuta, no encontro e nas experiências estéticas, seu processo investigativo. Apostamos também em Metodologias Minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019, p. 18),

“que rompem com a normativa do método enquanto condição de cientificidade, que reforçam a importância das multiplicidades, das diferenças, da polifonia, do diálogo [...] compromissada com as singularidades, com o diferir, com o sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa.”.

As narrativas e as histórias de vida também têm sido metodologias importantes, principalmente na criação das avaliações à distância. Pautadas nisso, temos experimentado formas outras de docência, de modo que não só os textos e vídeos disponibilizados, mas também as avaliações, convoquem os sentidos, mobilizem os corpos e potencializem vivências que, apostamos, propiciam aprendizagens construídas nos/com/pelos corpos, viscerais e, assim sendo, transformadoras. Para isso, temos nos debruçado com afinco na organização do Componente Curricular que ministramos e na construção das avaliações, buscando afetar e estesiar esta/este docente em formação, de modo que reverbere em sua prática, gerando uma docência que também afete e estesie – nossa aposta!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Cederj atua em parceria com instituições públicas universitárias, ofertando cursos de graduação na modalidade EAD. Os Componentes Curriculares compõem a grade dos cursos, sendo disponibilizados às/aos estudantes por meio de uma Plataforma, que abarca textos, vídeos, chats, fóruns e outras formas de relacionarmos conteúdos. A cada período as/os estudantes fazem dois tipos de avaliações: APs (avaliações presenciais) e ADs (avaliações à distância), que, como o próprio nome já diz, são realizadas de forma presencial, nos Polos, e à distância, postadas na Plataforma e enviadas, também por meio dela. Cada uma, conta com duas avaliações: AP1 e AP2; AD1 e AD2.

Dentro do nosso planejamento, objetivamos nas ADs, ofertar proposições que demandem uma tessitura de saberes, relacionando teoria e prática, na construção de um conhecimento que se dá pela via da experiência, entremeado às histórias de vida, às narrativas das/dos estudantes e as linguagens artísticas. Assim, nestas avaliações já propusemos a escrita de um texto memorialístico com o tema “o meu primeiro encontro com a arte”; o planejamento de proposições às crianças da Educação Infantil ou Ensino Fundamental I, tendo vivências artísticas como fio condutor; a escrita de uma carta na qual as/os estudantes contaram se, em suas histórias de vida, docência e arte se encontraram/encontram? Por quê? Onde? De que forma? Junto à criação de uma composição artística autoral que retratasse de forma visual e imagética a relação percebida entre sua docência e a arte; criação de uma composição narrativa

(textual e/ou imagética) que nos contasse onde a arte esteve/está presente no cotidiano das/dos discentes; a escrita de uma carta construída somente com perguntas, composta pelos questionamentos que as/os estudantes tinham acerca da disciplina; a criação de uma composição artística (desenho ou poesia) que manifestasse suas formulações e entendimentos acerca da pergunta: para que serve a arte? Tendo uma obra de arte (Candido Portinari. Exposição Raros, CCBB 2022) e uma poesia (As lições de R.Q., de Manoel de Barros) como inspirações criativas; a criação de uma composição imagética que dialogasse com a frase de Ana Mae Barbosa, “Arte não se ensina. Contamina-se por ela”, a partir de um áudio que convocava vivências por meio de memórias olfativas; convite a assistir um vídeo do YouTube denominado “O poder da educação em arte humanizada”, entremeado à uma condução que passeava pela infância e despertava memórias a partir dos questionamentos: como eram as escolas que estudaram? Que cheiro tinham? Qual sabor(res) vem ao corpo com estas lembranças? E os sons que elas evocam? Como eram as/os professoras/es? Quais sentimentos as lembranças delas/es despertam? Por quê? Como eram as aulas? O que mobilizavam no seu eu-criança? O que vocês mais gostavam da/na escola? E o que não gostavam? Após este mergulho, foram convidados a responderem, de forma autoral, por meio de uma linguagem artística (poesia, dança, pintura, escultura, desenho, música, fotografia etc.): o que deixaram de ser quando cresceram?

Como pôde ser percebido, estas avaliações se dispõem a propor um fazer com arte, que emana um conhecimento corporal, que se dá na relação das/dos estudantes consigo mesmas/os e com seus processos formativos ao longo da vida.

Já as APs, são avaliações com as quais buscamos a sistematização do aprendido, de maneira a possibilitar uma articulação teoria-prática, a partir da relação com o referencial teórico disponibilizado. Ainda assim, por mais que sejam realizadas nos Polos, com um tempo e espaço específicos e reduzidos, temos experimentado introduzir momentos de respiro e atenção a esse corpo que vivencia essa prática avaliativa.

Sendo assim, nossa maior discussão e desafio tem girado em torno de como afetar e estesiariar sem a presença física cotidiana. Da mesma forma que, conseguir perceber se e como as/os discentes têm sido afetadas/os pelas proposições e referenciais que temos ofertado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui os questionamentos lançados no início do texto: de que forma estesiariar pelas telas? Como mobilizar sentidos, sentindo à distância? Como contaminar com/pela arte

uma educação que se faz na modalidade EAD? Temos apostado em um conhecimento que é construído na retroalimentação entre teoria e prática, perpassando por vivências que tenham o/no corpo, seu suporte, decantação e acolhimento. Acreditamos que temos afetado, assim como temos sido afetadas pelas histórias de vida que nos chegam. No entanto, sabemos não ser possível medir o conhecimento adquirido, nem em formações presenciais, que garantem o encontro, o olhar, o diálogo; ainda mais naquelas que acontecem à distância. Ainda assim, acreditamos na fundamentalidade e urgência de formações que tenham as vivências como pilares, de modo que sentidos sejam mobilizados, corpos estesiados e a educação (re)encantada.

REFERÊNCIAS

DUARTE JR., J. F.. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

EISNER, E. E.. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>

FREIRE, P.. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu Editora, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L.. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**, v. 13, n. 3, p. 214-225, 2013. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4390>.

OSTETTO, L. E.. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

PERISSÉ, G. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação).

RUFINO, L. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento:** sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.